



Natal de 1975 e o que se seguiu

As aulas do ano letivo começaram só em outubro. Eu vi pouco o meu pai. Parou em casa na ceia de Natal. Nesse dia ao final da tarde perguntou-me, finalmente, em que turma tinha ficado e quem eram os professores. Informei-o dos pormenores com dois meses de atraso e mostrei-lhe as notas que tinha tido no primeiro período. Aprovou.

Depois sentámo-nos à mesa para a ceia e nesse ano de 1975 eu não me lembro de ter dito uma palavra enquanto se comia o bacalhau com batatas. O tema foi exclusivamente político. Entre ele e a minha mãe. No dia 25 de novembro tinha-se dado, nas suas palavras, «uma manobra contrarrevolucionária». Tinha sido um «desaire político e civilizacional». Íamos «regredir e voltar a viver nas mãos do grande capital. Voltariam a espezinhar-se os direitos dos trabalhadores e a manipular-se o pensamento. Nunca mais iria ter fim o ciclo de exploração do homem pelo homem. O povo acreditava numa existência cujo único sentido era o sacrifício do corpo e do espírito, a vida inteira, sem justa retribuição. As pessoas embruteciam no trabalho do campo e das fábricas, do nascer ao pôr do Sol. E era assim porque sim. Ninguém questionava. Faziam o povo acreditar que estamos aqui para expiar pecados originais adquiridos no momento em que nascemos e em nome dos quais Cristo morreu na cruz. Andamos a pagar a fatura de Cristo há quase dois mil anos. Nós, quer dizer, quem verga a espinha todos os dias, tendo como única esperança a oportunidade de continuar a vergá-la, numa roda sem fim. Não sou eu nem tu, Madalena. Nós pudemos estudar. Nós, no meio disto, somos os privilegiados».

A minha mãe tentou acalmá-lo. Disse-lhe:

– Tem mais esperança, Eduardo. A reviravolta de novembro também se desfaz. Não acredito que seja possível reverter os direitos adquiridos.

– Romântica!

– As coisas podem voltar a mudar de rumo.

Não sejas pessimista. Já viste o ritmo a que tudo se altera diariamente? Sabemos lá nós que reviravolta estão já a preparar para amanhã.

– Virou de novo à direita - argumentou o meu pai com desalento. - E a reforma agrária acabou.

– Vamos ver – respondeu ela. – A verdade é que o país também não tem avançado, Eduardo.

Não podemos continuar a ser governados por grupos de trabalhadores, por comités de bairro e por batalhões militares que de repente têm uma ideia miraculosa para mudar o mundo. Um país não se governa assim. O poder tem de estar concentrado. Até agora, o Movimento das Forças Armadas não conseguiu fazê-lo.

– Não conseguiu?! – refutou, ofendido. - Avançamos mais em 18 meses do que em meio século, Madalena!

– Talvez, talvez.

– Talvez? Todos os períodos revolucionários passam por momentos de caos. Nós nunca tínhamos vivido em democracia. Saímos da monarquia para a ditadura republicana. Estávamos a aprender, agora. [...] O caos e a mudança andam de mãos dadas.

A minha mãe respondeu como se não o tivesse escutado: [...]

– Mas há coisas que não se podem fazer. Há limites.

Fez-se silêncio e o meu pai concluiu:

– Não há limites numa revolução. Se tu e outros pensam dessa forma, isto é o fim dos sonhos que alimentámos.

– Não vamos estragar o Natal com esta conversa, Eduardo.

Mas já estava estragado.